

SOCIABILIDADE VIGIADA: O corpo negro na cidade contemporânea

*Iana Gabriele Souza de Andrade*¹

*Liliane Vasconcelos*²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir acerca da cidade de Salvador problematizando o espaço e o território que perpassa por uma desigualdade social e racial, que por conseguinte, reflete na sociabilidade da urbe, sobretudo para o homem negro. Essas discussões são feitas através da literatura, a partir dos contos “Paisagens de casa” e “no baTV” de Jorge Augusto, presentes no livro *O mapa de casa* (2023); “O primeiro beijo” e “Cuca Antiga” de Davi Nunes, que faz parte do livro *Zanga* (2018), que se tornam um instrumento de análise para observar a cidade representada nos escritos. Ademais, conta também com um referencial teórico multidisciplinar composto pelos principais autores que pensam a cidade, o espaço, a segregação espacial e o território, bem como a sociabilidade. Como resultado, observou-se que o homem negro na cidade vive sob constante ameaça advinda das práticas do racismo, assim, constantemente precisa reforçar práticas de cuidado como forma de sobrevivência, resistência e afirmação. Desse modo, observa-se também que Salvador está dividida para além de uma ordem geográfica na qual os personagens literários, através da narrativa de autores que vivenciam a urbe, nos aponta questões referentes a cidade vivida, cheia de contradições e segregações de diversas ordens.

Palavras-chave: Cidade; Literatura; Cuidado; Sociabilidade; Segregação socioespacial.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca discutir sobre a segregação urbana e socioespacial e o território em Salvador, versando discussões sobre a sociabilidade, o racismo estrutural e o direito à cidade - ou a falta dele, presentes na urbe e vivenciadas principalmente pelo corpo negro, que precisa estar em constante vigilância e cuidado diante de sua performance na urbe. Assim, tem como objeto de estudo a literatura soteropolitana, que narra as problemáticas aqui citadas por meio da vivência de personagens negros na capital, através das obras literárias *Zanga* (2018), de Davi Nunes, e *O mapa de casa* (2023), de Jorge Augusto, ambas escritas por autores

¹ Mestranda pelo programa de pós-graduação em Território, ambiente e sociedade (UCSAL). e-mail: iana.andrade@ucsal.edu.br

² Professora do programa de pós-graduação em Território, ambiente e sociedade (UCSAL). e-mail: liliane.vasconcelos@pro.ucsal.br

REVISTA VERITATI

negros soteropolitanos que falam sobre vivências em Salvador. Dessa maneira, procura investigar de que maneira a narrativa literária retrata as formas de sociabilidade em Salvador, quando a cidade é acometida por disparidades sociais, espaciais e raciais, que, por conseguinte, ceifam o direito à cidade. Além disso, o estudo, ao abordar questões ligadas ao racismo, destaca o cuidado do homem negro como tática vital de sobrevivência a dinâmica violenta e opressora na cidade, por lidar diariamente com estigmatizações. Assim, seu cotidiano é regido pela cautela e atenção em resposta a violência sofrida por seu corpo diante de um sistema racista.

A cidade é o espaço das complexidades. Observar a urbe, descrever o seu conceito, investigar as suas relações exige um olhar múltiplo, para que seja possível captar todas as problemáticas que a cercam. Lefebvre (2001) afirmou que a cidade é o laboratório do homem. Disso podemos inferir que a cidade funciona como um espaço de experimentação. É a vida, é a prática ordinária, é o perambular que constituem o experimentar a cidade. E, dessa maneira, debruçar-se sobre os estudos urbanos é estar a par das relações que constituem o homem que faz da urbe a sua oficina ambulante para realizar suas invenções.

Mas, para falar das invenções do homem em sua experiência urbana não precisamos imaginar grandes feitos distantes. O que faz o homem em sua prática na cidade, em seu cotidiano, é o que vai caracterizar uma parte do espaço urbano que se localiza no seio das trocas sociais.

Todavia, se pensarmos na configuração da cidade contemporânea, sobretudo de Salvador, que passa por uma grande divisão para além da sua geografia, fica a grande problemática de pensar como se dá a sociabilidade desses cidadãos em um meio urbano repleto de contradições e certas mazelas. Seja pelo viés das injustiças sociais, da falta de acesso e o direito de usufruir da própria cidade; seja pelo racismo que desvanece a violência, a discriminação, ou a estigmatização, vale destacar o impacto dessas variáveis na sociabilidade urbana, sobretudo para o homem negro, que vivencia a cidade do medo, do racismo, da exclusão. Desse modo, a literatura é o território simbólico em que estão impressas essas narrativas.

Assim sendo, o objetivo principal do trabalho é discutir acerca da sociabilidade urbana por meio de discussões que apontam os motivos para o declínio desta

REVISTA VERITATI

sociabilidade. Desse modo, cabe destacar nessa discussão o território, as diferenciações socioespaciais que reverbera na desigualdade da urbe soteropolitana e o racismo estrutural, sendo esta última a questão que mais vai influenciar na queda da sociabilidade urbana, principalmente do homem negro. Ademais, se discute também o cuidado do corpo negro na cidade, haja visto que a sua mera presença define um território e sofre com a marginalização e as ameaças, frutos de um sistema opressor.

Dessa maneira, a literatura se coloca como um dos instrumentos disponíveis para registrar e narrar males e desventuras da cidade que se revelam sobre os textos, que aqui são lidos e analisados. Além da leitura dos contos, a pesquisa conta com um referencial teórico multidisciplinar, que abarca as discussões sobre o território, a sociabilidade e o racismo estrutural presentes na urbe.

Nesse sentido, a pesquisa se faz necessária porque discutir a sociabilidade e os problemas que a cercam é de suma importância se pensamos a cidade enquanto espaço do encontro, das trocas, do relacionamento entre os transeuntes. Ademais, pensar a sociabilidade é observar a crise urbana que a enfraquece.

Para fins de organização, o presente trabalho foi dividido da seguinte maneira: na primeira seção, intitulada de “Cidade, espaço e segregação” é discutido o conceito de cidade e as diferenças socioespaciais na urbe relacionado a dois contos literários em que estão impressas essas discussões; O tópico seguinte, “O território, o corpo e o racismo” versam análises sobre o corpo negro no território soteropolitano, que escancaram os problemas da cidade e nos revela o racismo estrutural no espaço urbano baiano, discutindo também o cuidado necessário pelo homem negro diante das situações em que são colocados na cidade. O cuidado, nesse sentido, é entendido como ações tidas para lidar, constantemente, com o racismo. E por fim, nas considerações finais, há uma breve retomada sobre o tema geral do trabalho e os resultados alcançados.

Dessa maneira, Salvador é posta em análise através da discussão teórica e da leitura dos contos que buscam revelar ao leitor suas contradições e suas divisões, dentre outras narrativas.

2 CIDADE, ESPAÇO E SEGREGAÇÃO

Para o início das discussões, é fundamental, primeiramente, entender o que é cidade. No entanto, cabe pontuar que o conceito de cidade é múltiplo, passa por diversos olhares, muitas facetas que tentam captar o seu sentido, o seu significado. Para falar de um dentre vários, Rachel Rolnik em seu texto *O que é cidade* (1995), traz um contraste para falar da cidade. Pensa na cidade murada, de outrora, e na cidade contemporânea, sendo esta constituída “do movimento incessante de gente e máquinas, do calor do encontro, da violência dos conflitos.” (Rolnik, 1995, p. 10). Dentre vários adjetivos que a autora utiliza para explicar as diversas nuances presentes no espaço citadino, seja a chamando de cidade imã, cidade política, cidade do capital, cidade como mercado, o que salta aos olhos é a ideia de cidade como escrita.

Essa ideia da cidade como escrita se refere a ideia de que os símbolos e a memória fazem parte do espaço, assim como os constitui, de maneira em que a cidade se transforma em um texto que pode ser lido:

O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto hábitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto. (Rolnik, 1995, p. 17)

Trazendo para discussão a questão da simbologia que engloba a cidade, já podemos inferir que a cidade não se constitui somente do seu espaço geográfico e físico. Nesse sentido, Pechamn (s.d) afirma que a cidade é constituída de pedra e discurso, e o discurso, em seu poder de evocar símbolos, portanto, que faz da pedra, cidade (op. Cit.). Com isso podemos dizer que o discurso, ao imbuir símbolos em sua tessitura, transforma a cidade ao trazer à memória do lugar os seus significados. As palavras e os relatos moldam percepções, conferindo identidade e memória às estruturas físicas.

Outrossim, olhar para a literatura como uma das fontes desse discurso que se cria sobre a cidade é uma das maneiras de observá-la e estudá-la. Ainda na busca de um conceito possível, podemos lembrar de Ítalo Calvino em *Cidades Invisíveis* (1900), que destaca que a cidade estaria para além da ordem geográfica e física de um lugar, sendo constituída também das relações humanas.

REVISTA VERITATI

Desde já se percebe que a cidade é o cerne do encontro, dos afetos, das possibilidades, da interação, da convivência, da sociabilidade. Não obstante, há enclaves na própria constituição da cidade, sobretudo contemporânea, que restringe essa sociabilidade.

Muito além de apenas ponderar sobre a interação social dentro da cidade, se faz necessário olhar para as questões espaciais. Vasconcelos retoma de Harvey (1973), que: a cidade é “[...] sistema dinâmico complexo no qual a forma espacial e o processo social estão em contínua interação” (2015, apud Harvey, 1973, p. 34). Ademais, para Corrêa, a cidade é também um espaço urbano.

Eis o que é espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais. (1989, p. 6).

Dessa maneira, se observamos então as formas espaciais da cidade de Salvador, percebe-se que as desigualdades sociais se refletem nos tecidos da cidade, onde as áreas privilegiadas que contam com maior infraestrutura e todas as benesses estão à mercê daqueles que possuem maiores condições financeiras. É a elite, a burguesia baiana. Observa-se, portanto, que “As desigualdades sociais se refletem no espaço urbano e as formas resultantes delas diferem em função de cada contexto específico.” (Vasconcelos, p.1, 2013) Desse modo, para os menos privilegiados da cidade ficam os espaços periféricos. Estes, por sua vez, sofrem com a segregação social.

Como as melhores áreas urbanas são ocupadas pelo mercado imobiliário, ficam as áreas mais precárias (sujeitas às inundações, em encostas; próximas a locais inconvenientes e nas periferias mal equipadas) sob a ocupação dos pobres, cujo controle governamental não é rígido, tendo em vista que nem o Estado nem os agentes imobiliários resolvem o problema da demanda não solvável. (Vasconcelos, 2004, p. 269)

Esse trecho explicita o problema da segregação socioespacial, na qual as melhores áreas urbanas são dominadas pela dinâmica imobiliária, e, desse modo, a população pobre é forçada a habitar regiões mais vulneráveis. Essa dinâmica faz com que o ciclo da pobreza e da exclusão sejam mantidos.

Para exemplificar, a literatura, que neste trabalho nos serve como território simbólico que nos aponta essas problemáticas através de narrativas, ficcionais ou não, evidencia e exhibe a questão da segregação urbana e residencial através de personagens negros que vivem essa realidade. O primeiro texto a ser lido é um poema

REVISTA VERITATI

e faz parte do livro *O mapa de casa* (2023), que é composto por contos, crônicas e poesias sobre a travessa Nossa Senhora das Graças, situada no bairro da liberdade, do autor Jorge Augusto, que traça o seu próprio mapa para delinear a cidade a partir de sua visão como um homem soteropolitano e negro.

O poema, intitulado como “Paisagem de casa”, fala sobre o formato das casas do bairro. Salta aos olhos do leitor o tamanho reduzido, impróprio pra uma família, e a presença da violência em áreas periféricas que recai, especialmente, sobre corpos negros:

A arquitetura colonial das casas sem sacadas, apertados quarto-salas, umas sobre as outras amontoadas, montanhas de casas em cascata. continuavam o drama do exílio, meninos mortos, meninas nuas, corpos pisoteados e esburacados como as ruas, avenidas e becos. os degraus de escada sobre o esgoto eram a arquibancada em dia de domingo. o bingo era acertar a vida dos outros apostar cervejas no resultado do jogo. no mapa das casas não havia espaço sagrado, a sala estendida entre quarto e cozinha, o banheiro era lavanderia, parede meia, telha e varal improvisado. Dentro desse lar pequeno e mal acabado, se espreme um mundo imenso, sonhos apertados dentro de potes de mantimento, querendo ir além dos tijolos e cimento. (Augusto, 2023, p. 24)

O texto nos aponta uma comunidade marginalizada com condições precárias. As casas, em sua descrição, são apertadas, amontoadas, lembra um confinamento. O autor utiliza a metáfora de “drama do exílio” para relatar o abandono e a exclusão. No entanto, enquanto o espaço físico é limitado, o sonho dos moradores é infinito, com o desejo e a esperança de ter uma melhora de vida e sair desse ciclo no qual estão condicionados por uma estrutura social e urbana que não acolhe a todos.

Diante dessa leitura, observa-se que para estar nestes locais e para sobreviver a cidade, urge um comportamento que demanda constante vigilância incansável. Esses corpos, que estão muita das vezes aquém da segurança do Estado, elaboram seus próprios cuidados para sobreviver à estrutura social excludente na qual estão inseridos. Pontua-se que o cuidado do homem negro se torna uma questão crucial para enfrentar a realidade opressiva e violenta. Quando o referido autor descreve as condições de vida decadentes, revela ao leitor não apenas um confinamento físico do espaço, mas também um estado de vigilância, pois os moradores, especialmente os negros, necessitam de um cuidado para se manter vivo, evitando situações de violência em que seus corpos possam ser violados pelo racismo. É um reflexo de ser forjado em um ambiente opressor.

Evidencia-se, assim, uma dentre tantas narrativas sobre a vivência dos segregados da cidade. Há uma analogia na frase “Os degraus de escada sobre o

REVISTA VERITATI

esgoto eram a arquibancada em dia de domingo” que descortina a falta de acesso aos espaços de lazer da cidade, que nesse caso seria os estádios para essa população, mas pode ser interpretado para outros locais, restando assim o entretenimento praticado no próprio bairro, sob suas próprias mazelas, por não ter o direito de adentrar e ocupar alguns lugares.

Nesta mesma confluência de pensamento, neste outro poema nomeado como “No baTV”, é descrito a estigmatização que o bairro, por ser periférico, sofre. Desse modo ressalta que os moradores além de sofrer com as deficiências espaciais, ainda lidam com os estereótipos que recaem sobre eles. Ademais, elucida também sobre o genocídio dessa população e que o cuidado para se manter vivo nesses espaços é, antes de tudo, uma forma de resistência.

Todo dia no jornal dizem que aqui é faixa de gaza, uma rua contra outra, tipo jihad al-qaeda. A gente só via subir e descer de escada casa-trabalho pai, mães e meninos, arrimos de família pagando a franquia dos sinistros. Faraó para nós era o rei do egito. No baralho do crime não tinha político. A vida de todos nós tinha telhado de vidro, mas apesar de nos matarem todos os dias, estávamos vivos, como Zumbis (Augusto, 2023, p. 36)

Revela-se assim as vivências desse espaço. O bairro, comparado a faixa de gaza, expõe a violência, o perigo, a insegurança a qual essas pessoas são destinadas, tanto pelo crime organizado quanto pela polícia, ou pela corrupção vigente entre os cidadãos. As pessoas são retratadas como presas em suas rotinas diárias, indo e vindo do trabalho todos os dias, em um interminável vai e vem que garante o seu pão. De mais a mais, o poema termina com o narrador afirmando que diante de tantas ameaças constantes, os moradores permanecem vivos, como modo de subversão e resistência.

2.1 O TERRITÓRIO, O CORPO E O RACISMO

Uma vez que se entende que a cidade de Salvador é procedida pela divisão centro periferia, onde as condições socioeconômicas do sujeito vão definir o seu espaço na urbe, bem como percebendo que Salvador é uma cidade desigual desde seu planejamento, e que essa desigualdade é muito mais acentuada para os corpos negros, os estudos sobre território entregam grandes contribuições para essa discussão.

REVISTA VERITATI

Em primeiro lugar, cabe conceituar o que é um território. Segundo Alencar e Meira (2019, *Apud* Costa, 1997):

O termo território é polissêmico em conceitos, na concepção de Albagli (2004) que se respalda em Raffastin (1993). O território é sempre fruto de relações de poder que são traçadas no decorrer do processo de construção do mesmo, das relações de trabalho que os atores desenvolvem ao longo do tempo. No entanto, a nível didático, verifica-se que o termo vem do latim 'territorium' que é derivado de terra e que nos traçados de agrimensura apareceu com o significado de pedaço de terra apropriada.

Soma-se a isso o pensamento de Moraes (2000, p. 18): "[...] o território é um produto socialmente produzido, um resultado histórico da relação de um grupo humano com o espaço que o abriga. [...] O território é, portanto, uma expressão da relação sociedade/espaço".

Dessa maneira, pensando em Salvador, o corpo negro demarca o território através de simbologias, marcas identitárias, memórias e práticas culturais como modo de resistência. "A experiência do lugar e do espaço se faz através do corpo" (Claval, 2002, p. 26). Assim, esse corpo é alvo. É vigiado e está sob a mira de várias violências, físicas e simbólicas, que se manifestam de muitas formas nas práticas urbanas cotidianas.

Richard Sennett em *O declínio do homem público* (1970) já havia discutido que a sociabilidade está em declínio em razão da ascensão do intimismo, do retraimento do homem para a vida privada. E todo esse projeto leva o desenvolvimento de uma sociedade para o homem privado, que frustra a sociabilidade. Porém, para além daquilo que Sennett postulou em relação ao declínio da sociabilidade, cabe acrescentar que o medo, a violência, o caos, a criminalidade também contribuem para isso. Portanto, a estrutura da cidade de Salvador desvanece o direito à cidade e a sociabilidade, que se encontra cerceada.

Essa situação se agrava se olharmos para a realidade do corpo negro. O espaço de vida é reconfigurado e visto como espaço de medo, da morte. A violência, a criminalidade e a discriminação racial fazem com que os ambientes sejam hostis, com uma circulação limitada e liberdade cercada. Desse modo, o direito à cidade é negado, pois ele deveria garantir um espaço seguro, sem acepção, para todos.

A experiência espacial é, então, a experiência corporal. Esse corpo carrega consigo, ainda hoje, as marcas de um passado colonialista.

REVISTA VERITATI

Dessa maneira, não há como falar de direito à cidade e a sua sociabilidade sem pensar nas desigualdades, segregações e no racismo que um passado escravocrata imprime na cidade, que por consequência afeta a população negra e seu modo de viver e ser na urbe. A imposição de valores e normas culturais do homem branco afeta a identidade bem como molda a forma como o corpo negro vai interagir socialmente na cidade em detrimento das normas culturais dominantes e das desigualdades sistêmicas. Esse racismo na cidade é um reflexo do sistema racista operante.

Para Silvio Almeida, o racismo também demarca questões territoriais e segregações na cidade, funcionando como um mecanismo de manutenção das desigualdades espaciais:

[...] o racismo – que se materializa como discriminação racial – é definido por seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. O racismo articula-se com a segregação racial, ou seja, a divisão espacial de raças em localidades específicas – bairros, guetos, bantustões, periferias etc. (2019, p. 24)

Além disso, Almeida também explica que o racismo tem três concepções: a individual, a institucional e a estrutural. Na cidade, essas três concepções estão presentes de maneira interconectada. Isso porque nossa subjetividade foi construída pelo pensamento colonial, as instituições foram criadas seguindo os preceitos de uma sociedade racista que, por conseguinte, construiu uma estrutura racista:

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. (Almeida, 2020, p. 33)

Para além dos conceitos teóricos fundamentais para a discussão, é necessário agora perceber essas relações impressas na literatura, que é o presente objeto de estudo. Sendo assim, a segunda obra literária analisada é intitulada como *Zanga* (2018), de Davi Nunes, escritor e poeta soteropolitano, que através de contos e minicontos fala sobre ancestralidade, o modo de viver na cidade contemporânea e a narrativa de um homem negro na cidade de Salvador, marcado pela perseguição do racismo.

REVISTA VERITATI

O primeiro conto se chama “O primeiro beijo”, que é narrado por um menino de 15 anos, que dentre a história do seu primeiro beijo e a paixão por uma garota da sua idade, porém de diferente classe social, chamada Naomi, relata sobre vivência de um menino negro na periferia, sob a mira dos policiais e de todas as agruras que integram a juventude preta da cidade.

O personagem, que não tem seu nome revelado, começa elaborando sobre sua paixão pela menina que estuda no mesmo colégio que ele e vinha de uma família rica. Logo, o colégio que eles estudavam era de boas condições, e ele só acessa este espaço porque sua mãe costurava para a diretora, e desse modo conseguiu uma bolsa para ele:

Quinze anos completos e um beijo. Resume-se a minha existência. Naomi me deu o primeiro hoje na escola. [...] Era de uma família que, pra mim, era rica. O pai era escritor e tinha até textos nos livros da escola, a mãe era jornalista e dava palestras em universidade e eu morava num beco estreito no meio da favela. [...] Talvez eu consiga ser o primeiro da minha família a entrar na universidade. Oxalá que seja. Naomi me disse que não era bem rica. Fazia parte de uma classe média negra. Entendi. Eu só estudava no mesmo colégio dela porque minha mãe costurava para a diretora e conseguiu uma bolsa integral pra mim. [...] (p. 34)

O personagem que se descreve como um garoto da periferia de cabelo crespo cortadinho narra sobre as delícias do primeiro beijo enquanto está no ônibus a caminho da sua casa, quando tem seus pensamentos interrompidos pela preocupação da morte do policial que aconteceu em seu bairro, pois isso acarretaria uma ação policial. O ônibus em que o personagem está é parado pela blitz policial. Com a arma apontada para sua cabeça, o personagem até se questiona como seria uma vida sem estar na mira da polícia que o mesmo descreve como racista, principalmente pela forma como o abordou e por desconfiar que ele estudava naquele colégio caro. Aqui, a presença de corpos negros em espaços privilegiados na cidade assusta e é encarada como uma ameaça.

Resolvi ir pra casa. No ônibus, Naomi ocupava todos os meus pensamentos [...] que se interromperam com uma freada brusca do motorista do ônibus. Ouvi sirenes da polícia e me lembrei do que minha mãe tinha me dito sobre um policial que foi morto nas imediações. "Mataram um policial na praça. Hoje vai ser o terror aqui, espero que não venham na nossa rua. E você da escola pra casa, não fica bulando por aí, filho." Tinha que ir pra capoeira. Não gostava de me sentir preso. É sempre assim. "Estamos presos numa ditadura de medo e morte." Verso de um poema do pai de Naomi. Ter quinze anos e já ter uns cinco amigos assassinados não é fácil. É sangue encrustado na alma. Fora os que eu não conheço diretamente. Sei, de resenha, de tanta morte. É triste. Às vezes, tapo os ouvidos para não ouvir a voz dos vizinhos. Não quero saber das histórias que entram na minha janela. Carrego o peso que todos carregam. E sabia que iria rolar ação policial hoje. A polícia não é investigativa, é vingativa. [...] O ônibus parou. Uma blitz a poucos pontos da minha casa. As armas sempre apontadas. Como será ter uma vida sem nunca ter tido uma arma apontada para a sua

REVISTA VERITATI

cabeça? É. Nunca vou saber disso. Deve ser bom. Desço do ônibus junto com todos. Encosto na sua lateral. Sinto um empurrão que me aperta à lateralia do veículo e o bafo policial me deixa enojado. Me revistou duas vezes. Racista. Me fez tirar tudo da mochila, me viu com a farda do colégio e por final falou:-Você estuda nesse colégio mesmo, rapaz?- A humilhação é uma forma de morte também, quebra a dignidade, e essa frase foi proferida como uma bala na minha cabeça. Respondi, com outra pergunta: - Por quê? O senhor acha que não? - O policial bufou de ódio. Acho que se eu respirasse mais forte seria desacato, imagina respondendo-lhe. Vi seus olhos flamejarem, ele me empurrou:-Se pique, cuidado com a língua, viu? Muito ousado. Entre no ônibus. Entrei e o vi me olhando com os olhos vermelhos ainda. Ele parecia um robô programado pra matar. Obs.: Jovens negros. (Nunes, 2018, p. 36)

Aqui já podemos pontuar o cuidado que emerge como uma estratégia de sobrevivência dos corpos negros, pois a violência é atenuada. O cuidado, então, não se limita apenas a autoproteção, mas a uma atenção e vigilância ininterruptas para tentar se salvar da brutalidade policial.

Portanto, o cuidado é uma resposta a violência e ao racismo, assim como uma estratégia de sobrevivência e resistência. Em um Estado omissivo, são as práticas individuais que podem evitar situações que levam a morte. Entretanto, com o final do conto observa-se que somente o cuidado não foi suficiente.

Ao chegar em sua casa, o menino avista dois policiais mostrando suas armas para ele. Um deles, inclusive, foi o que o revistou na blitz. E assim, na porta de sua casa, o menino é assassinado pelo policial na frente de sua mãe. O momento em que o protagonista narrador é abordado pelos policiais, que já havia o revistado anteriormente, exibe a ameaça amedrontadora de violência que os corpos negros enfrentam. O protagonista reage, e em seu último ato de cuidado para sobreviver declama "Não sou vagabundo", tentando provar a sua identidade e o direito de existir e resistir.

O personagem que compartilha a sua vida de luta marcada pela pobreza destaca também o seu sonho em ser o primeiro da família a ter acesso ao ensino superior, provavelmente pelo desejo de oferecer a mãe condições de vida e moradia digna, enquanto atina sobre o seu cotidiano assolado pelas mazelas do racismo. A polícia se faz presente no seu bairro, descumprindo o seu papel de proteger, mas aterrorizando e provocando a barbárie entre os jovens negros, que sempre são abordados de modo abrupto, violento, independentemente da idade. É uma polícia quase cega, que não considera ou vê a faixa etária e nem vidas, enxerga somente a cor da pele. Contudo, o que se destaca é que mesmo diante das perversidades de sua vida, o personagem não deixa de ter os amores, seus sonhos, seus desejos,

REVISTA VERITATI

porquanto é um jovem, como qualquer outro, exceto pela violência que sofre por ser preto e ter seu destino escrito com mãos manchadas de sangue, morrendo inocentemente, concretizando o maior medo de sua mãe.

Essa realidade não se restringe apenas à literatura. O cotidiano de Salvador é marcado, eventualmente, por assassinatos de jovens negros. O jornal Brasil de Fato³ aponta que, na Bahia, 97,9% das pessoas mortas pela polícia são pretas e pardas, ocupando o maior percentual dos sete estados monitorados pela Rede de Observatórios de Segurança. Segundo o mesmo relatório, dos 616 mortos pela polícia baiana em 2020, 603 eram negros, revelando assim a alarmante disparidade, e violência, racial nas ações policiais no estado.

Outrossim, a pesquisa aponta que 94,76% das pessoas mortas pela polícia na Bahia do ano de 2022 eram pessoas negras, principalmente jovens de periferias, entre 18 e 29 anos, segundo matéria do Ibahia⁴. O dado parte do informativo “pele alva: a bala não erra negro”, revelando a Bahia como o estado mais letal do país em termos de violência policial, evidenciando assim um padrão de violência contra a população negra.

Voltando a literatura, o próximo conto é chamado de “Cuca antiga”, que conta a história de um homem negro que é capoeirista no centro histórico e se chama Danilo Santos, filho Oxalufã, morador da Engomadeira. Ele é pai, e trabalha, sobretudo para dar o sustento do filho, que na história está seguro com a avô. No entanto, essa segurança não é sentida por Danilo. Ele descreve que:

Acho que vou morrer ali. Onde é ali? Ali: no passar de uma rua: no acender dos faróis das viaturas. Luz de desespero. No escutar dos gritos espumantes. No estralar de algum gatilho maldito. Pode ser o fim. Pode crer. De fato, uma arma está sempre apontada para a minha cabeça na Bahia. Sensação fatal. Meu pai disse que sentia também. É duro. Vovô, que era capoeira, teve ela estourada em sua cabeça. Desgraçados. Foi desse jeito, na covardia. Gostam assim, assassinos. Eu não consigo sambar mais. Por quê? Porque a alegria não compõe mais os meus passos. Verdade. Não posso sambar em meio ao sangue. (Nunes, 2018, p. 30-31).

O que é notório é a grande insegurança do homem negro na cidade sobre as operações violentas para esse corpo na cidade, que por onde anda, se vê ameaçado.

³A cada 100 mortos pela Polícia da Bahia, 98 são negros, afirma relatório.

<https://www.brasildefato.com.br/2022/11/17/a-cada-100-mortos-pela-policia-da-bahia-98-sao-negros-afirma-relatorio>

⁴Negros são 94% dos mortos pela polícia na Bahia, mostra levantamento.

<https://www.ibahia.com/noticias/seguranca/negros-sao-94-dos-mortos-pela-policia-na-bahia-mostra-levantamento-309040>

REVISTA VERITATI

Inseguro. Percebe-se a narrativa do medo. Expõe ao leitor que esse medo é, inclusive, passado de pai para filho, em virtude da morte do seu avô que morreu dessa maneira, por policiais.

Os faróis da viatura presentes no texto demarcam o terror se aproximando, daqueles que deveriam garantir a segurança dos cidadãos. O conto simboliza o desespero, a trágica realidade de sentir na mira dos policiais. Podemos inferir o cuidado como estratégia de sobrevivência, mais uma vez, atravessado por um medo que é histórico, ancestral, hereditário. O protagonista do conto narra o desespero e medo de ser morto ou abatido pela polícia; a “sensação fatal” é lida como uma herança das experiências de seus familiares. É a violência em sua forma mais endêmica, sistêmica, colonial. O medo se revela de modo ancestral. Essas são as dores vivenciadas pelo avô e pelo pai do protagonista, e se transmuta hoje na sua forma de estar e viver na cidade.

Dessa maneira, diante desse cenário, Danilo diz que não consegue mais sambar. Não há motivo, com tantas dores. Esse é um bom exemplo para que pensemos a sociabilidade na cidade. Diante de tanto medo, insegurança, hostilidade, o homem negro vê uma barreira em sua relação com a cidade, pois ela se mostra de modo cruel: rude, ameaçadora, bruta. Fruto de segregações condicionadas, espaciais e estruturais, sofridas na pele pelo povo preto, que em meio ao sangue, resiste para não ser engolido por esse sistema que mata e oprime.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou discorrer sobre a segregação socioespacial e os estudos sobre território na cidade de Salvador, sobretudo do homem negro, destacando a sua sociabilidade e o seu direito à cidade, e como o cuidado dentro do âmbito pessoal se coloca como uma forma de resistência e sobrevivência na cidade de Salvador, que opera dentro de um sistema racista.

A literatura aqui serviu como um objeto de análise no qual a interpretação da cidade nos auxilia a enxergar a teoria discutida com a realidade vivenciada e narrada a partir dos autores que estão imersos e vivem a cidade, escrevendo-a em suas obras.

REVISTA VERITATI

Observamos, portanto, a partir da análise dos contos “Paisagens de casa” e “no baTV” de Jorge Augusto, e “O primeiro beijo” e “Cuca Antiga” de Davi Nunes, as problemáticas que estão presentes nas periferias, na relação do homem com a cidade, com a sociabilidade ceifada pela própria conjuntura do espaço de Salvador, marcada pela violência, pelo racismo, pela perseguição do corpo negro.

De mais a mais, cabe destacar que a pesquisa não se encontra concluída. Os estudos e os olhares sobre a cidade são múltiplos, diversos, assim como as interpretações literárias são. Doravante, a pesquisa, bem como o seu referencial, tende a se expandir e se ramificar.

Portanto, a literatura como território simbólico é um objeto potente que representa a cidade e os estudos urbanos, e desse modo, amplia os olhares sobre a cidade de Salvador, que exprime diversas nuances e camadas em seu âmago.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

AUGUSTO, Jorge. *O mapa de casa*. Salvador: Círculo de Poemas, 2023.

BONFIM, Cibele Moreira Nobre. Direito à cidade e negritude. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA – ENECULT, XV., 2019, Salvador. Anais [...]. Salvador, 2019.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CORREA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução de Rubens Eduardo. São Paulo: Centauro, 2001.

MEIRA, Célio Silva; ALENCAR, Cristina Maria Macedo de. Campo e cidade, rural e urbano: estudo sobre território e territorialidade. *Revista OKARA: Geografia em Debate*, v. 13, n. 1, p. 26-35, 2019.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Bases da formação territorial no Brasil: o território colonial brasileiro no longo século XVI*. São Paulo: Hucitec, 2000.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível

REVISTA VERITATI

em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoidentidadeEEtnia.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

NUNES, Davi. *Zanga*. Salvador: Segundo Selo, 2018.

OLIVEIRA, Alan. Negros são 94% dos mortos pela polícia na Bahia, mostra levantamento. *Ibahia*, 2024. Disponível em: <https://www.ibahia.com/noticias/seguranca/negros-sao-94-dos-mortos-pela-policia-na-bahia-mostra-levantamento-309040>. Acesso em: 1 set. 2024.

OLIVEIRA, Caroline. A cada 100 mortos pela Polícia da Bahia, 98 são negros, afirma relatório. *Brasil de Fato*, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/11/17/a-cada-100-mortos-pela-policia-da-bahia-98-sao-negros-afirma-relatorio>. Acesso em: 1 set. 2024.

PECHMAN, R. M. Pedra e discurso: cidade, história e literatura. *Revista Semear*, Rio de Janeiro, n. 3, [199-].

PESAVENTO, Sandra J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/YKJ7zLYfMdLFQpWmTkKLtVP/?lang=pt>. Acesso em: 17 abr. 2024.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*. Tradução de Lygia Araujo Watanabe. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

VASCONCELOS, Liliane. *O imaginário da cidade contemporânea: Salvador entre o texto e a tela*. 2016. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A aplicação do conceito de segregação residencial ao contexto brasileiro na longa duração. *Cidades*, v. 1, n. 2, p. 259-274, 2004.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais nas cidades. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDE, Silvia (orgs.). *A cidade contemporânea: segregação espacial*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 39-73.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Pobreza urbana: a formação de bairros populares em Salvador. *Geosp – Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 20, p. 19-30, 2006. Revisado em abr. 2023.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. As metamorfoses do conceito de cidade. *Mercator*, Fortaleza, v. 14, n. 4, p. 17-23, dez. 2015.